

Opinião N18

O NOVO *HABITUS* DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO INTERIOR DO NORDESTE

PATRICIA BANDEIRA DE MELO¹, LUÍS HENRIQUE ROMANI CAMPOS² E ALEXANDRE ZARIAS³

Introdução

Como se configura um novo *habitus*? A partir de dados relativos às trajetórias de vida, carreiras, aspirações e projetos de ascensão social por meio da educação, investigamos as disposições internalizadas de estudantes que ingressaram na universidade após o processo recente de interiorização das instituições públicas. Os dados da pesquisa "A Interiorização Recente das Instituições Públicas e Gratuitas de Ensino Superior no Nordeste: Efeitos e Mudanças (2011-2013)" apontam expectativas em relação às escolhas profissionais e ao futuro no mercado de trabalho, à vivência estudantil e às mudanças de vida decorrentes da crescente presença da universidade pública no interior.

Este artigo traz informações de questionários e grupos focais realizados com alunos das instituições interiorizadas com o intuito de observar a consistência do processo, considerando como as carreiras e os sonhos desses universitários foram modificados com a nova realidade.

A expansão das universidades para municípios onde, muitas vezes, não havia cursos de nível superior traz inúmeras modificações, especialmente para os jovens: (i) ingresso no ensino superior,

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisadora e Professora Associada da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). E-mail: patricia.melo@fundaj.gov.br.

² Doutor em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador Titular da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). E-mail: luis.campos@fundaj.gov.br.

³ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador e Professor Associado da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). E-mail: alexandre.zarias@fundaj.gov.br.

proporcionando novas escolhas e visões de mundo decorrentes do acesso a conhecimentos; (ii) oportunidade de entrada no mercado qualificado de trabalho; (iii) compreensão de si como cidadão portador de direitos; (iv) mudança de valores, perspectivas e comportamentos, contribuindo para acelerar a transformação social; e (v) ampliação da rede de sociabilidade. O processo propõe-se a ser parte da solução de um problema secular para o Brasil, mas que também existe em inúmeros países. Como diz Bourdieu, acerca da França dos anos 1960:

Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade do que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais do que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores às daquelas de um jovem de classe média. (2012, p.41)

Ainda que em parte das cidades do interior, onde foram implantados cursos superiores pelos governos federal e estadual, já houvesse alguns privados, o ensino gratuito produz um impacto social pela maior abertura para a fração da população de nível de renda baixa, para quem era inviável o ensino pago.

Para entendermos a ação dos jovens frente ao processo de interiorização, é preciso conhecer suas condições de vida em seus contextos de existência. O conceito de *habitus* (Bourdieu, 2012) dá conta de uma prática exteriorizada de um conhecimento incorporado, um capital somado à sua prática. Para entendermos bem o conceito, a escola é um ponto de partida interessante, pois as instituições de ensino legitimaram-se como espaço de integração cultural dos indivíduos.

No conceito de *habitus* está a compreensão de que um conjunto de pessoas que nasceram numa determinada época da história formou-se socialmente sob o mesmo modelo, encontrando-se “predispostos a manter com seus pares uma relação de cumplicidade e comunicação imediatas”; primeiro, a família; depois, a escola: espaço de consenso cultural e do senso comum, repertório de lugares-comuns, de “maneiras comuns de abordar problemas comuns”. (Bourdieu, 1999, p.206-207) Entendendo *habitus*, podemos compreender certo conformismo de classes excluídas do acesso a inúmeros bens sociais, entre os quais a educação, porque foram predispostas historicamente a um sentido de que a educação de qualidade – e no caso de nossa pesquisa, o ensino público superior – “não é para nós”.

É na escola que os ensinamentos sobre permanência são internalizados, já que ela é o lugar formador de hábitos, de preservação de uma ordem de sucessões – como a do filho em relação ao pai, eternizando-se a posição social ou avançando para além dela. Assim como a escola confere ao aluno uma formação para obtenção do diploma que visa legitimar a herança de um filho de classe abastada, ela também baseia-se numa visão meritocrática, pois na maioria das vezes não funciona como mola propulsora dos filhos de classes excluídas, cujas predisposições, marcadas por suas condições sociais de existência, não lhes habilitam às notas necessárias para adentrarem à universidade.

Quanto mais reconhecida por sua qualidade de ensino, mais excludente é o processo de seleção de inúmeras instituições universitárias. A lógica meritocrática criticada por Bourdieu fundamenta-se na aceitação de que somente os que têm méritos escolares – as melhores notas – deveriam ascender ao ensino público superior. E na grande maioria das vezes estão no seio das famílias mais ricas os jovens detentores de maior capital cultural legitimado pelo sistema de ensino. A crença estrita na meritocracia deslegitima as políticas públicas que ofertam caminhos de superação, como as políticas de cotas para universidades públicas para alunos negros, índios ou oriundos de escolas públicas, na tentativa de reduzir diferenças de acesso ao ensino superior entre os grupos sociais.

A lógica da meritocracia pensada por Bourdieu é abordada por Souza (2012), que a classifica de ideologia do desempenho, em que se justifica a desigualdade e a distinção social como reconhecimento daqueles que são contemplados com o acesso diferenciado à educação, encobrindo desigualdades históricas, premiando o desempenho e apagando a diferença de acesso à qualificação que estaria na origem do processo.

Quando o sonho torna-se realizável – o sonho de “fazer uma universidade” –, as predisposições não cultivadas para o estudo podem ter um novo elemento incorporado, alterando o *habitus* de origem dos jovens de classes excluídas. Embora o preceito bourdieusiano remeta ao conceito de classe, acreditamos que, na prática da ação, o agente acresce uma dimensão de

originalidade decorrente de sua circulação pelos diversos campos sociais nos quais se insere e ocupa posições. Assim, o *habitus* é a exteriorização de um conhecimento incorporado acrescido de sua prática particular. Esta incorporação mostrou-se recorrente aos estudantes de nossa pesquisa, que, diante do processo de interiorização das universidades federais, alteraram seu conjunto de predisposições de origem e criaram condições para ingressar em cursos de graduação.

Definimos, assim, o que passamos a chamar de *habitus* individualizado que, dando mais robustez ao conceito de origem bourdieusiana, colhe da teoria lahireana – a sociologia à escala do indivíduo – a dimensão da particularização da ação humana na prática cotidiana, em nível de consciência e de inconsciência da ação praticada. Algo que Bourdieu (1997) reconhece ao destacar que as estruturas mentais não são apenas reflexo das estruturas sociais, mas sim uma relação de “solicitação mútua”.

A dimensão que Lahire (2002) dá à escala individual nas disposições do indivíduo contribui para dar mais maleabilidade ao conceito bourdieusiano. Ainda que Bourdieu faça uma crítica (antecipada) ao individualismo metodológico (que recai sobre a sociologia à escala individual), ele reclama da postura dos estruturalistas em reduzir o indivíduo a suporte da estrutura, ele mesmo dando evidência às “capacidades ‘criadoras’, ativas, inventivas, do *habitus* e do agente”. (2004, p. 61) Essa dimensão inventiva permite-nos alcançar a maleabilidade possível do *habitus* do universitário de nossa pesquisa que, mesmo advindo de classes sociais de baixo poder aquisitivo – para o qual frequentar a universidade “não era para nós” –, fez o movimento de ingressar no ensino superior, no sentido de superação das predisposições de classe desses agentes.

Novo *habitus*

Para Lahire (2012), o ambiente familiar está no centro do fracasso ou do sucesso escolar dos indivíduos. Também Bourdieu (2007, p.27) salienta o papel do capital cultural herdado da família no processo de formação do indivíduo, pois o capital escolar é um “produto garantido dos efeitos acumulados da transmissão cultural assegurada pela família e da transmissão cultural assegurada pela

escola”, sendo esta transmissão dependente do capital cultural diretamente herdado da família.

A integração cultural está a cargo tanto da escola quanto da família, que participa tanto mais desse processo quanto mais é detentora de um capital cultural legitimado socialmente. A herança material é também cultural, servindo para uma consagração da identidade social, para a transmissão de valores, virtudes e competências. Lahire acrescenta que “o fato de ver os pais lendo jornais, revistas ou livros pode dar a estes atos um aspecto ‘natural’ para a criança, cuja identidade social poderá construir-se sobretudo através deles”. (2004, p.20) Logo, podemos imaginar o quanto a ausência ou a fragilidade de capital cultural herdado pode favorecer o fracasso escolar para jovens cujas famílias não sejam detentoras desse capital.

Foi o que encontramos em nossa pesquisa: 49,3% dos pais e 35,7% das mães dos estudantes têm até no máximo o ensino fundamental completo. Isso mostra que, no avanço de uma geração, a quase totalidade dos alunos das universidades federais do interior está superando sua condição educacional de origem, indo além da herança de seus pais, incorporando às suas práticas interiorizadas a possibilidade de ascensão social e a constituição de um novo *habitus*. Como? Observa-se que, dependendo do capital cultural herdado, é possível manter-se uma relação mais escolar e menos familiar com a cultura, superando as condições de origem, mas exigindo do indivíduo uma disposição mais efetiva para a dedicação aos estudos.

Há um modo de fugir ao fracasso escolar: Lahire (2012) credita às políticas públicas a possibilidade de modificar o ambiente para que os resultados sejam positivos. Quando as condições favoráveis dão sentido ao acesso ao conhecimento – ou seja, quando ir à escola deixa de ser uma conformação para ser uma experiência em que haja a disposição para a apreensão da informação – surge o ambiente favorável para que a trajetória escolar se diferencie. Disposto, o aluno faz da atualização cultural a que se submete pelo ensino superior um momento de proeza intelectual. Segundo Lahire, vários depoimentos de pessoas de meios populares que tiveram sucesso escolar mostraram que o papel dos professores foi basilar para mudar suas trajetórias de vida.

Ainda que não se possa restringir, o sucesso escolar é muitas vezes relacionado ao acesso ao

ensino superior, e o diploma advindo de uma universidade pública teria valor simbólico capaz de promover a diferenciação social. Quando falamos de jovens do interior, especialmente daqueles cujas condições de deslocamento são escassas, vir “estudar na capital” é um sonho de difícil realização. Porém, quando eles ingressam em universos que revigoram as suas habilidades, abrem-se portas para outras condições de existência. Para Lahire (2004), há sempre competências e habilidades que podem ser ativadas em algum momento da vida, quando acionadas.

O processo de interiorização configurou-se como uma política pública que contribuiu para por em ação as disposições de jovens para a vida acadêmica. Entre 2002 e 2012, a ação afirmativa passou a integrar as regras de ingresso em 98 universidades federais e estaduais no Brasil. Na nossa pesquisa, tivemos uma amostra configurada em 60,6% de pretos, pardos e indígenas contra 39,4% de brancos e amarelos, revelando a importância da interiorização das universidades por mostrar o acesso expressivo de minorias ao ensino superior.

As entrevistas e grupos focais permitiram elaborar uma análise dos projetos de vida e dos sonhos dos estudantes pesquisados. Os dados comprovaram que o processo de interiorização vem atingindo as camadas de renda baixa. A renda familiar dos entrevistados é extremamente baixa: 58,6% têm renda familiar de até dois salários mínimos. Estatisticamente, o argumento da inclusão social mostra-se válido, pois à medida que há um aumento da renda, reduz-se o percentual de matriculados, indicando que a oportunidade surgida com a interiorização favoreceu as famílias de baixa renda, enquanto as famílias de renda superior nos municípios do interior pesquisados ainda encaminhariam os filhos para estudar nas capitais.

As circunstâncias específicas originadas pelo projeto de reforma educacional ofertaram as condições de possibilidade para que se manifestasse o gosto pelo ensino superior, face à oportunidade que surgia. Isso significa que a facilidade de acesso à universidade pública fomentou a constituição de uma preferência resultante de uma “adaptação dos agentes às condições sociais objetivas” (Nogueira e Pereira, 2010, p.16): aprende-se a gostar do que está próximo, deixando-se à margem o que é de difícil realização. A reforma educacional aproximou os jovens do interior do sonho

de fazer um curso superior, sonho antes de difícil realização.

Dar acesso aos que vinham sendo historicamente excluídos – e cuja exclusão estava incorporada pelos próprios excluídos – exige uma mudança no processo de escolarização, no qual professores de ensino fundamental e médio têm de incorporar o ideal de superação de um *habitus* internalizado sobre as condições de existência dos jovens de periferia e do interior oriundos de escolas públicas. Para isso, deve-se ir além do ideal do mérito como única condição ao acesso à educação, além de promover mudanças de ordem moral na sociedade para que os valores distintivos que mantêm certa camada social em posição superior sejam amenizadores de distâncias sociais entre os grupos sejam de fato reduzidas.

A presença da universidade

Em todos os grupos focais de nossa pesquisa, os estudantes ressaltaram o caráter transformador da implementação das universidades federais no interior. Entre os 480 alunos entrevistados em Pernambuco, 94,7% têm percepção otimista acerca do impacto do curso superior para sua ascensão social e de renda. Ressaltamos que os discursos analisados mostram a compreensão dada à oportunidade decorrente da interiorização. Para eles, “a presença da universidade” relaciona-se a: *realização, objetivo vencido, conquista, necessidade, conhecimento, facilidade e oportunidade*. Já a “ausência da universidade” vincula-se a: *vazio, dúvida, ausência, atraso de vida e futuro incerto*.

Com relação ao título e às condições de ascensão social, para um dos entrevistados, “sem graduação não se é ninguém”. Conforme afirma Bourdieu, “é através do diploma que são designadas certas condições de existência, aquelas que constituem a condição da aquisição do diploma”. (2007, p.31) A universidade seria responsável por oferecer a possibilidade da realização do sonho de se ter um curso superior, de conquistar conhecimento e um espaço na sociedade, como expressa um aluno:

A interiorização das universidades é um ponto muito positivo, porque é mais oportunidade de pessoas que às vezes estão no interior e não têm possibilidade de ir morar no Recife para estudar, então [a interiorização é importante] principalmente para o pessoal daqui do interior mesmo.

Esse discurso mostra que levar o ensino público superior para o interior significa dar acesso para quem não pode ou não quer sair da região. O sentido da interiorização extraído das falas dos alunos indica um novo elemento incorporado ao *habitus*: a importância da mudança na visão do interior, levando novas perspectivas de desenvolvimento. Segundo um estudante, “a interiorização foi uma coisa perfeita na vida de pessoas que não têm condições”. Por um lado, argumentam que “a cidade não tem estrutura, não estava pronta para receber tanto avanço e tecnologia”. Por outro, ressaltam o crescimento no setor de serviços e comércio, “a chegada da universidade melhorou o divertimento da cidade”: em alguns municípios, cinemas foram reabertos, além do aumento de casas de shows e lanchonetes. Mesmo com os problemas estruturais, os alunos enfatizam a potencialidade da presença do ensino superior:

Ela [a universidade] trouxe muitas oportunidades porque muitas pessoas não tinham essa perspectiva de fazer uma faculdade, principalmente federal. Muitos estudantes vêm de família de agricultores, domésticas... Os pais não tinham condições de bancar um filho no Recife. Trouxe desenvolvimento também para as regiões adjacentes. As pessoas começaram a ver mais o sertão não como aquela área seca que não dá nada, começaram a reconhecer o valor de um profissional da região, ver que eles podem investir nessa área, que eles vão ter resultados.

Como dissemos antes, 94,7% dos entrevistados são otimistas quanto aos futuros projetos de vida por conta do curso superior. Pudemos ver nas suas falas uma “expressão de felicidade” pelo ingresso na universidade e pelos projetos em construção:

Eu me vejo trabalhando onde for a melhor oportunidade, se for aqui bem, estarei feliz. Se for em outro lugar também estarei bem, e me sinto capacitado para atuar aqui ou em qualquer outro local.

Os projetos de futuro apontam para melhores condições de vida e para a ampliação do conhecimento:

Eu penso em me especializar cada vez mais. Pós, mestrado, mas atuando no mercado de trabalho. Eu não [me] vejo seguir uma carreira acadêmica, mas penso muito em poder me especializar cada vez mais. Também, cada vez mais que você for se especializando, vai ficando cada vez mais específico em uma área e vai se valorizando mais no mercado e isso só aumenta sua remuneração, seu conhecimento.

Embora o leque de cursos ofertados não seja amplo como o existente nas universidades nas capitais, a escolha do possível, numa lógica bourdieusiana, não representa uma insatisfação, dado que é possível gostar do que se passa a conhecer:

Eu sempre quis trabalhar na área da educação, só que não pretendia entrar no curso de pedagogia, quem sabe fazer letras, mas como não tinha esse curso no momento, escolhi pedagogia e me apaixonei pela área.

A presença da universidade no interior mostra que não podemos deduzir que o sucesso escolar e os anseios de novos planos de vida estão atrelados unicamente à posição de origem dos estudantes, apesar da relevância do capital cultural herdado da família. Ou seja, mesmo que suas famílias não possuam o capital cultural ideal para estimular as habilidades de seus filhos para a carreira acadêmica, há outros elementos de socialização que influenciam no processo:

Os indivíduos incorporam apenas parte das características de seus grupos familiares e, ainda assim, as reelaboram e as mesclam com influências recebidas de outros grupos e de outras instâncias de socialização. (Nogueira e Pereira, 2010, p.18)

Nesse processo de socialização pela universidade, observa-se a nova ambiência focada no progresso acadêmico, como conta um estudante sobre o novo ritmo de vida:

Eu venho, saio de casa meio-dia e volto meia-noite, porque eu tenho um projeto de extensão, tenho uma bolsa, faço pesquisa e um monte de coisas. E o pessoal da [universidade] privada, eu acho que não precisa tanto estar na universidade quanto a gente.

O sonho vem, às vezes, embalado na perspectiva de renda futura: alguns desejam alcançar salários entre R\$ 5 mil e R\$ 10 mil, dizendo que “é para sonhar alto”, ou ainda, “eu também pretendo ganhar R\$10 mil daqui a uns seis anos, quando eu terminar minha graduação, entrar no mestrado”. Entre os pontos positivos e negativos apontados pelos entrevistados acerca das novas universidades federais no interior, destaca-se como positivo o acesso para os interioranos que não têm recursos para estudar na capital ou numa faculdade particular. Como negativo, a falta de estrutura das cidades

e a opção ainda reduzida de cursos.

A fala dos jovens ressalta que a instalação de uma universidade no interior ultrapassa seus muros, o desenvolvimento (por vezes não planejado e problemático) pelo qual essas cidades estão passando fica claro a partir da expansão do mercado imobiliário, da ampliação do setor de serviços, incluindo a criação de novos polos de lazer para atender às demandas de estudantes e professores, além de novas demandas das empresas locais que são responsáveis pela empregabilidade dos egressos dessas instituições.

A falta de estrutura da universidade, com laboratórios às vezes improvisados, com falta de material ou que não comportam todos os alunos e a biblioteca com poucos exemplares, também aparecem nas narrativas dos jovens. Essas carências, porém, contrastam com o discurso quanto ao comprometimento dos professores. Grande parte dos docentes já possui doutorado. Mesmo vindos de outros estados, muitos estão se fixando no interior e, segundo os alunos, mostram disposição para permanecer:

O comprometimento é grande. Uma prova disso foi quando o MEC veio aqui e viu que o curso nosso é nota máxima. Eu acho que é o curso que tem o maior número de bolsas e não é porque o diretor é do curso não, é porque os professores fazem projeto para ganhar bolsa.

A maior parte deles são professores comprometidos com o curso. Claro que tem um ou outro que você vê que não são tão quanto os outros, mas, em geral, sim.

A questão da fixação na cidade também está nos sonhos de alguns, como do estudante que já planeja cursar pós-graduação: “quero um dia ser professor daqui”. Os problemas com lazer e diversão, apesar de indicados por eles, não são fundamentais para retirá-los do projeto acadêmico, como diz um deles quanto à ida à universidade: “você não vai à procura de diversão, você vai à procura do crescimento profissional”.

Conclusão

A universidade passa a compor o *habitus* de jovens cujas condições de origem, em outras circunstâncias, não os habilitariam a cursar o ensino superior, acionando as suas disposições para construir novos projetos de vida. Entretanto, em que pese a mudança em relação ao ensino superior a partir de 2007, principalmente coma interiorização, é cedo afirmar que essa transformação já se consolidou, embora os dados e as narrativas dos estudantes confirmem que o processo é positivo. Percebemos que a relevância de dar oportunidade para quem nunca teria chance de estudar, se não houvesse a interiorização, indica a significância do processo, conduzindo ao reconhecimento da nova realidade.

Os projetos de vida dos alunos são ambiciosos: eles querem elevação de renda substantiva, com planos para ampliar sua formação, e esperam iniciativas de ordem cultural nos municípios em que estudam. A expansão do espaço social das universidades iniciou uma mudança na trajetória desses jovens, o que já aparece em seus discursos afinados com a aquisição do capital escolar que, acumulado, está-se convertendo em capital cultural e se incorporando às disposições constitutivas do *habitus* de cada um.

O *habitus* não é uma aptidão natural, mas social; é durável, mas não eterno, e, expondo-se os indivíduos a situações de práticas que os interpelam, permite-lhes que as últimas experiências vividas possam sobrepor-se aos estratos de disposições anteriores. Numa perspectiva lahireana, podemos aventar que há chances de sucesso, dadas as disposições despertadas nos estudantes com as oportunidades concretizadas de inclusão no ensino superior. Ir à universidade configurou-se num sonho próximo realizável.

Para que não se torne um simulacro, o projeto de interiorização precisa alargar-se como meta de qualidade para os ensinos fundamental e médio, de modo que a “escolha do possível” por cursos menos valorizados feita pelos jovens, e com isso menos concorridos, seja revertida, dando a eles a oportunidade de acessar qualquer graduação. As cotas funcionam nessa direção e a crítica feita a essas políticas mostra a não aceitação à proposta de se dar acesso a muitos a algo que era dado

exclusivamente a poucos. A lógica de que isso “pode baixar o nível do ensino superior” figura como uma falácia induzida para que a universidade prossiga como reduto distintivo de alguns eleitos.

Mais do que distinção, a diferença entre a qualidade do ensino privado e público nos níveis fundamental e médio e o ainda maior acesso ao ensino público superior pelas classes favorecidas produzem uma oposição que leva à dualidade cultural, destituindo-se a escola, em qualquer nível, de seu papel unificador da sociedade, restando a ela o papel de barreira que distancia os indivíduos segundo o acúmulo de saber incorporado.

Ainda que os primeiros graduados do recente processo de interiorização mantenham com o aprendizado acadêmico um sentido de exterioridade – uma vez que não está no cerne do seu ambiente de origem, sendo distinto da cultura contatada e interiorizada em sua história de vida –, nas etapas futuras, seus filhos terão a oportunidade de ir à universidade detentores de um capital cultural capaz de produzir um aprendizado incorporado ao seu *habitus*. Nesse processo, espera-se que a dimensão de dignidade esteja interiorizada de forma compartilhada por amplos setores da sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. As contradições da herança. In: BOURDIEU, P. (Coord.) *et al. A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.587-593.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M.A. e CATANI, A. (Orgs) *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 39-64.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2004.

LAHIRE, B. O fator social. Entrevista concedida a Lúcia Müzell. In: *Revista Educação*, n.181. Disponível em: <http://revistaeducacao.com.br/>. Acesso em: 22 nov. 2012.

NOGUEIRA, C.M.M. e PEREIRA, F.G. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. In: *Educação em Revista* n.03, v.26. Belo Horizonte, dez. 2010, p.15-38.

SOUZA, J. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.